

Passeio aleatório

Jovens cientistas

Na semana passada estive entre nós o norte-americano Gregory Chaitin, para promoção do seu livro **Conversas com um Matemático**, recentemente traduzido e editado pela Gradiva. Chaitin esteve na FNAC do Colombo, em Lisboa, onde assinou livros; esteve também na Universidade de Lisboa, onde falou para académicos a convite do Centro de Matemática e Aplicações Fundamentais (CMAF) e da Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM). No auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra discutiu lógica, física e filosofia. Foi uma visita-relâmpago e bem preenchida.

Chaitin é um dos verdadeiros génios da matemática dos nossos dias. Já tivemos oportunidade de o entrevistar em Setembro de 1998 e a sua vinda a Portugal constituiu uma ocasião para muitos de nós o conhecerem de perto e verem a sua rápida mente a funcionar.

Chaitin nasceu em Chicago e cresceu em Nova Iorque, onde era ainda adolescente quando os soviéticos lançaram o primeiro satélite artificial, o «Sputnik», e com isso tomaram momentaneamente a dianteira da corrida ao espaço. Os norte-americanos reagiram com a promoção do ensino da matemática e das ciências. Criaram escolas especiais, criaram novos programas, chamaram os jovens mais promissores a entrarem mais cedo na universidade, puseram os investigadores em contacto com o ensino. O jovem Gregory tirou partido desse ambiente e começou a fazer cursos avançados quando tinha pouco mais de dez anos. Aos 15 anos entrou para a universidade e teve a sua primeira grande ideia inovadora em matemática. Aos 18 anos escreveu o primeiro grande trabalho científico. Era ainda adolescente quando se tornou investigador.

A quem o quis ouvir, e foram muitos, Gregory Chaitin disse que, na altura, era já um adulto. Aos 15 anos as pessoas são adultas, repetiu, e os mais dotados aborrecem-se quando estão numa escola em que não são estimulados. É preciso deixá-los progredir e tirar cursos avançados. É nessa altura da vida que se têm as grandes ideias.

Na mesma semana, passou por Lisboa um cientista belga de origem portuguesa, o físico Manuel Paiva, que tem estado a dedicar particular atenção à educação de jovens. Curiosamente, quem leia o seu livro **Diálogos Sobre Portugal**, editado pela Livros e Leituras em 1998 e de que há uma versão francesa da Les Éperonniers, repara que a juventude de Manuel Paiva atravessou também uma reacção nacional ao lançamento do «Sputnik». Só que, como relata o físico de Bruxelas, em Portugal os órgãos de comunicação oficiais do regime negavam que o «Sputnik» existisse! E um professor português, considerado por alguns um grande especialista em aeronáutica, declarara ser fisicamente impossível colocar no espaço um satélite...

Vendo o seu futuro científico cerceado por um regime que enfiava a cabeça na areia enquanto norte-americanos e outros encaravam o «Sputnik» como um desafio à educação científica, Manuel Paiva foi para Bruxelas, onde fez uma carreira científica brilhante. Tornou-se director do laboratório de Física Biomédica da sua universidade e colaborador da NASA e da Agência Espacial Europeia (ESA). No sábado, fomos encontrá-lo no Pavilhão do Conhecimento, dirigindo uma sessão dedicada a estudantes do Ensino Básico. Na mesa, além de Manuel Paiva, encontravam-se vários especialistas portugueses, alguns deles muito jovens, muitos deles colaboradores da ESA. A sala estava cheia de adolescentes, potenciais investigadores. Adolescentes não: jovens adultos interessados, alguns com 15 anos de idade, na sua maioria com muito menos.

Nuno Crato